CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O MOTELX
LOST IN EUROPE – TERROR POR DETRÁS DA CORTINA DE FERRO
03 de setembro de 2026

DAS SINGENDE, KLINGENDE BÄUMCHEN / 1957

"A ÁRVORE QUE CANTA E TOCA"

um filme de **Francesco Stefani**

Realização: Francesco Stefani / **Assistente de Realização:** Margarete Keufner / **Argumento:** Margot Beichler, Anne Geelhaar, Francesco Stefani (a partir de um conto dos Irmãos Grimm) / Direção de Fotografia: Karl Plintzner, Walter Roßkopf / **Montagem:** Christa Wernicke / **Figurino:** Hans Kieselbach / **Maquiagem:** Gerda Behrendt, Lothar Hiller, Alois Strasser / **Departamento de Arte:** Heinz Leuendorf, Christoph Schneider / **Design de Produção:** Hans Kieselbach / **Som:** Horst Günther / **Efeitos Especiais:** Ernst Kunstmann, Vera Kunstmann / Departamento elétrico: Heinz Bohn, Kurt Schütt / Interpretação: Christel Bodenstein, Charles Hans Vogt, Eckart Dux, Richard Krüger, Dorothea Thiesing, Günther Polensen, Fredy Barten, Egon Vogel, Paul Knopf, Paul Pfingst, Friedrich Teitge, Maria Besendahl, Jürgen Baumgart, Norbert Bischof, Wolfgang Böhm, Peter Wolf.
Produção: DEFA-Studio für Spielfilme, Künstlerische Arbeitsgruppe "Jugend -und Kinderfilm" / **Produtores:** Alexander Lösche, Heinz Ullrich / **Cópia:** 35mm, cor, falada em alemão, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 74 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

AVISO: Lamentamos informar que, devido à inexistência de legendagem na cópia disponível do filme no visionamento prévio, não foi possível realizar a folha de sala para esta sessão. Em sua substituição, apresenta-se a tradução de um texto originalmente publicado na revista *Sight and Sound* (dezembro de 2021), intitulado "Archive TV: The Singing Ringing Tree", da autoria de Robert Hanks.

No folclore da televisão infantil britânica, o conto de fadas da Alemanha Oriental **The Singing, Ringing Tree** ocupa um ocupa um lugar muito particular: o de um pesadelo especialmente perturbador, partilhado por várias gerações. A sua ampla difusão é fácil de explicar: foi transmitido pela primeira vez pela BBC em 1964 - numa altura em que havia apenas dois canais e a programação destinada às crianças era bastante limitada – e foi repetido regularmente até ao início da década de 1980, existindo assim a hipótese de qualquer pessoa com hoje mais de 40 anos ter ficado traumatizada por ele. A razão pela qual é tão traumatizante é um pouco mais obscura; lá chegaremos.

Das singende, klingende Bäumchen foi originalmente realizado por Francesco Stefani, nos estúdios da Deutsche Film-Aktiengesellschaft (DEFA), para estreia comercial em salas de cinema; para difusão fora da Alemanha Oriental, foi dividido em três episódios de 25 minutos, transmitidos pela BBC no âmbito de uma série intitulada "Tales from Europe". Uma proporção surpreendente da programação infantil de televisão de há meio século provinha da Europa, principalmente de França, geralmente dobrada ou com voz-off em inglês: animações cómicas de curta duração como *The Magic Roundabout* e *Hector's House; dramas de ação de época como The Flashing Blade* e *Desert Crusader; dramas centrados em animais como Belle and Sebastian* - Belle *era um grande cão branco de montanha dos Pirenéus* - e *a série jugoslavo-alemã The White Horses; ou ainda Yao..., uma produção franco-marfinense com sabor a conto popular. Tales from Europe*, que esteve no ar entre 1964 e 1969, tinha um alcance geográfico ainda mais vasto, da Finlândia à Mongólia e da Polónia à Espanha. As sinopses da *Radio Times* dão uma ideia da variedade: *The Limping Boy* – "Há muito tempo, numa zona

rural da Hungria, um rapaz novo chegou à escola da aldeia e era diferente das outras crianças"; *Crook's Island* — "O carro anfíbio de Tomasz revela-se útil numa perseguição aos ladrões"; *O Último Passageiro* — "A família de Peter decide emigrar da Holanda para a Austrália, mas não pode levar o cão dele." A presença de séries provenientes da Alemanha Oriental era particularmente surpreendente, dada a impermeabilidade da Cortina de Ferro na época: *The Tinder Box, Rumpektiltskin, Branca de Neve* — contos de fadas.

The Singing, Ringing Tree é uma variação de *A Bela e o Monstro*: uma princesa mimada manda o seu pretendente, um belo príncipe, à procura da árvore que canta e toca. Ele acaba transformado num urso e aprisionado num reino mágico por um anão feiticeiro malvado. É aí encontrado pelo pai da princesa, que, aterrorizado pelo urso, promete entregar-lhe o primeiro ser vivo que encontrar quando chegar a casa, que é, claro, a sua filha; o urso acaba por ter de a raptar. No reino mágico, a princesa torna-se feia (cabelo verde e nariz grande): os feitiços lançados sobre ela e sobre o príncipe-urso só podem ser quebrados quando ela aprender a bondade e o amor, o que consegue com a ajuda de um peixe gigante e afável e de um cavalo com chifres e crina dourados. A política de género é problemática: por que razão o príncipe não precisa de qualquer transformação? Porque é que a princesa não o pode simplesmente rejeitar? Será que os contos de fadas são escritos por *incels*?

É difícil dizer, enquanto adulto, por que razão este simples conto moralista era tão assustador. Talvez a verdade seja que "medo" era a palavra mais simples para descrever a complexa sensação de desconforto que provocava. Grande parte do poder do filme reside em Richard Krüger, que interpreta o feiticeiro (uma tradução literal do nome da personagem em alemão, *der böse Zwerg*). Ao rever o filme, estava preparado para me sentir incomodado ao ver um ator com acondroplasia explorado como estereótipo. Mas a interpretação de Krüger afasta qualquer ideia de exploração, ainda que não a de estereotipagem: é uma personificação dinâmica da maldade sem razão aparente, lançando feitiços, conjurando nevões e relâmpagos, espreitando por buracos nas rochas ou por detrás das árvores. Talvez esta imagem de uma força avassaladora e omnividente a controlar tudo tivesse um impacto acrescido na Alemanha Oriental comunista. No papel da princesa, Christel Bodenstein cria momentos de verdadeira angústia: as mãos que lhe ficam congeladas no lago enquanto as lava; as palmas das mãos ensanguentadas, como se tivessem sido marcadas por estigmas, quando tenta atravessar uma sebe mágica de espinhos.

Mas o poder provém também de muitos pequenos pormenores desconcertantes: os acordes estridentes que acompanham os passos do urso enquanto este atravessa a pequena ponte de pedra entre o reino mágico e o mundo exterior; os olhos revirados e o sorriso fixo do peixe gigante; as sobrancelhas arqueadas desenhadas no cavalo, a ecoar as da princesa e as de Krüger. Lembro-me de ter ficado inquieto com o urso (Eckart Dux), embora me seja difícil dizer porquê: talvez tivesse alguma coisa a ver com o pelo falso colado ao rosto - demasiado, a chegar-lhe aos olhos. E há qualquer coisa de nauseante na conceção do reino mágico, com as suas flores em forma de trombeta, as enormes conchas de caracol espalhadas por todo o lado e as árvores de fruto que tilintam musicalmente quando se colhe a fruta. O programa foi transmitido pela primeira vez antes da chegada da televisão a cores ao Reino Unido; a paleta de tons cor-de-rosa coral e azul-ovo-de-pato, um verdadeiro pesadelo de cores, só torna tudo ainda pior. O reino mágico dos *Tellytubbies* parece, em comparação, um exemplo de classicismo contido. (...)

Robert Hanks